

Educação, Escola e Sociedade

FESTAS RELIGIOSAS DE AGOSTO: UM ENSAIO SOBRE IDENTIDADE DO JOVEM CATOPÊ

Viviane Bernadeth Gandra Brandão¹
Sandra de Fátima Pereira Tosta²

Resumo

O objetivo deste ensaio exploratório consiste em desenvolver reflexões sobre a construção de identidade do jovem catopê, tendo como base as festas religiosas de agosto. Estas festas representam uma manifestação cultural e religiosa tradicional e existem há mais de 170 anos na cidade de Montes Claros, localizada no Norte de Minas Gerais, são celebradas em honra à Nossa Senhora do Rosário, a São Benedito e ao Divino Espírito Santo e seus rituais compõem-se de elementos africanos, europeus e indígenas. Nestas comemorações, os principais grupos que protagonizam as festas são: Catopês, Marujos e Caboclinhos, os quais caminham pelas ruas da cidade com cantos, danças e orações compondo o congado norte mineiro. O Catopê é o grupo mais antigo e possui o maior número de integrantes que expressam em suas ações uma mistura de ritos africanos e católicos. Nota-se que há um número expressivo de jovens que fazem parte desses grupos, influenciando no seu processo de construção identitária, que é histórico, cultural, educativo e social. Desta forma, este texto tem como metodologia uma revisão bibliográfica, de modo a ampliar a compreensão e contribuir com reflexões acerca da identidade juvenil e a dinâmica sociocultural contemporânea.

Palavras – Chave: Cultura. Identidade. Jovem Catopê. Montes Claros-MG/Brasil.

INTRODUÇÃO

¹Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Puc Minas. **Autora da correspondência.** E-mail: <viviane.gandra1@hotmail.com>

² Doutora em Antropologia Social. Professora da PUC- Minas



A sociedade contemporânea apresenta um cenário em que a produção e oferta de bens culturais são praticadas por uma pluralidade de instituições, tais como as escolas e igrejas. Nesse cenário, os jovens têm ao seu alcance uma quantidade incomensurável de informações e referências, ficando expostos a vários estímulos, o que dificulta a construção de hierarquias simbólicas consistentes para orientar seus julgamentos e preferências, ou seja, a posição de cada indivíduo em uma sociedade. Prevalece o que podemos chamar de um sentimento de “arbitrariedade cultural”, na expressão de Featherstone (1996).

Diante dessa perspectiva, o presente trabalho é um ensaio exploratório que busca refletir sobre a dinâmica das festas religiosas de agosto em Montes Claros, Norte de Minas Gerais como mecanismo educativo e de construção de identidade para jovens, aqueles meninos e meninas que participam da festa como integrantes do Catopê. Estas comemorações ocorrem durante cinco dias em louvor a Nossa Senhora do Rosário, ao São Benedito e ao Divino Espírito Santo que representam a devoção aos santos negros.

Essas devoções foram iniciadas no Brasil, através da ação missionária no início da colonização e foi rapidamente absorvido pela classe mais pobre e pelos negros. Muito desses cultos, que são expressos pelas danças, músicas, vestimentas e orações somaram-se às tradições africanas, uma vez que são muito presentes em uma região de grande concentração de negros que viviam em quilombos, fazendas e cidades, como é o caso do Norte de Minas.

O imaginário do Congado² norte mineiro expressa esta história e estas tradições. Os Ternos de Congado de Montes Claros são representados pelos Catopês, Marujada e Caboclinhos. Esses grupos representam as etnias que constituíram o Brasil. Os catopês lideram os festejos com características da tradição africana, os marujos encenam os navegantes portugueses em busca de novas terras e os caboclinhos interpretam os índios.

² A origem do Congado no Brasil se liga ao período colonial, em que a Igreja e os portugueses incentivavam rituais de coroações dos reis do Congo, nas homenagens à padroeira ou a Nossa Senhora do Rosário, para controlar os escravos e manter a ordem (CÔRTEZ, 2000, p. 90). De acordo com Colares (2006), é nos textos de Antonil (1711) que se localiza o registro mais antigo da festa em Minas Gerais. Pode-se considerar o Congado como um nome genérico atribuído aos diferentes grupos africanos, vinculados ao culto do santo de devoção, que de modo sincrético reproduziam simbolicamente no Brasil a história tribal, com a coroação dos reis do Congo (2006 apud CÔRTEZ, 2000, p.138). Nessa reprodução são encenadas antigas epopéias de Angola e do Congo, com a recorrência de temas: (a) coroação dos antigos reis do Congo; (b) lutas entre monarquias; (c) lutas contra o colono invasor; (d) outros episódios históricos.

Os participantes desses grupos caminham pelas ruas centrais da cidade, com as bandeiras dos santos, num ritual que tem a missão de “purgar” os lugares profanos, anunciando e proclamando os reinados que estão por vir.

Atualmente, o Catopê é o grupo que possui um maior número de participantes e expressividade na região, propiciando que muitos conheçam as festas de agosto como “festa do catopê”. Nos estudos de Saul Martins (1988), o catopê “é o índio africano, menos vistoso do que o nosso, contudo é mais comunicativo, de penas, usa cocar. Nem leva arco. Um manto colorido, atado ao pescoço, cobre-lhe as costas e quase lhe toca os pés (p.31)”. Desse modo, podemos entender neste contexto que o índio remete ao sentido de ser o nativo da África, assim os catopês representam os primeiros nativos africanos que chegaram ao Brasil.

Os primeiros registros formais de existência das festas constam em ata lavrada pela Câmara Municipal de Montes Claros/MG, datada de 23 de maio de 1829³. No entanto, essas comemorações só foram oficializadas em 14 de agosto de 1884, mediante autorização dada pela Igreja Católica para a realização de festas em devoção aos santos negros. Esse controle eclesiástico se insere no contexto do catolicismo romanizado⁴, que estimulou padres brasileiros e estrangeiros que vieram para o Brasil a se empenharam na domesticação das festas religiosas populares, as quais perduraram, como observa Malveira (2011), entre as “tensões religiosas, sociais e as necessidades dos brincantes (...)” (p.69).

Hoje, palcos para apresentações de músicas profanas, barraquinhas de venda de roupas, calçados, artesanato, artigos para o lar, bijuterias, bebidas e pratos típicos da região ocorrem concomitantemente aos momentos de expressão do sagrado religioso, dando sinais de uma expressiva mudança nos festejos. Conforme mostra Giddens (1997) a tradição mantém-se hoje como um conjunto de recursos adaptáveis e flexíveis, obrigada a existir num mundo globalizado e cosmopolita, no qual a diversidade cultural e dos estilos de vida é notável. No caso aqui considerado, parte-se do pressuposto de que na atualidade as tradicionais festas de agosto apresentam aspectos do sincretismo religioso, do hibridismo cultural, de reinvenção e adaptação a novos tempos.

³ Nessa ata há o seguinte registro: “quando Marcelino Alves pediu licença para tirar esmolas para as festas de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito que pretendia realizar nesta freguesia”(PAULA,2007.p. 611).

⁴ Em linhas gerais, trata-se do movimento de reestruturação interna da hierarquia eclesiástica, empreendido pelo Vaticano a partir da segunda metade do século XIX, com o objetivo de minimizar as perdas decorrentes da separação entre igreja e Estado e reforçar seu poder. No Brasil, buscou submeter o catolicismo popular ao controle romano, reforçando o rigor doutrinário e hierárquico, sobretudo pela ação de padres ligados às ordens estrangeiras que vieram para o país. (MICELI, 1988)

Na atualidade, há diversos projetos e ações destinados ao jovem, que visam transmitir e fomentar a cultura por meio de atividades como a música, a dança, o teatro, as artes plásticas dentre outros, estimulando-os a buscarem alternativas de integração social. No entanto, quando se trata do jovem catopê, essa presunção não prospera, o que motiva predominantemente este jovem é o amor e desejo intrínsecos pela conservação dessa prática cultural.⁵

Para jovens catopês o resgate das festas religiosas de agosto em Montes Claros-MG, podem ser entendidas como práticas educativas, visto que por estas comemorações é possível propiciar ao jovem folião elementos que se apresentarão em seu processo identitário, cuja construção é sempre social. Neste sentido, Tosta explica que as identidades,

constituem os sistemas de representação com que as pessoas se percebem umas às outras e passam pelas articulações entre as culturas nas quais estes sujeitos se situam e constroem sua individualidade. Construções que estão relacionadas com processos de lutas, disputas, manipulação, e é a continuidade do processo de individuação ou subjetivação do sujeito que toma consciência de si como um ser singular, à medida que conhece o outro (TOSTA, 2011, p. 426).

Este texto sobre o jovem catopê implicou em pensar sua identidade no aspecto relacional, no reconhecimento interligado às lutas, às disputas e às alianças travadas no interior dos grupos sociais. Observa-se, ainda, que a investigação da tradição na dinâmica sociocultural contemporânea encontra nas festas religiosas de Montes Claros uma manifestação da relação educação e cultura importante, por ser pouco estudado da perspectiva que aqui se propõe, qual seja, direcionada para o modo como essa realidade é elaborada e transmitida aos jovens catopês.

Reflexões socioculturais sobre Festas Religiosas

Como um fenômeno revelador da cultura e da sociedade, a festa se constitui num tema de grande interesse para os diversos campos do conhecimento. Sua ocorrência chama atenção para questões relativas à qualidade das interações que promove, para as formas de experiência que proporciona aos participantes e para os rituais que nela se executam, dentre outros aspectos.

Estudos de distintas linhagem disciplinares como a antropologia, a história e a sociologia mostram que o momento festivo é carregado de sentimentos, interesses materiais, simbólicos e significados diversos, ligados à dinâmica social e cultural em que se insere. A festa se configura como um importante mecanismo de operação de ligações, como espaço privilegiado de reunião das diferenças, de figurações sociais, de assembleia coletiva e de

⁵ Relatos de jovens colhidos, nas festas de agosto em 2015, na cidade de Montes Claros.

sociabilidade, de trocas e comunicação, do “fazer” e se “refazer” de uma sociedade. Elas representam, ainda, algo que vai além da tradição, do momento e do espaço em que se realizam. Ao abarcar as dimensões da invenção/experimentação e da virtualidade, de acordo com Perez (2009, p.117), “mais que os movimentos sociais, que as ideologias, que os partidos”, na festa “o homem muda a si mesmo porque ele se inventa”.

Etimologicamente festa quer dizer “encontro, divertimento, comemoração” (HOLANDA, 1995, p.86). A festa, enquanto manifestação lúdica e criativa, promove o fortalecimento de laços sociais e identitários, é um evento de intensa comunicação e, por isso mesmo, carregado de representações.

Dentre as várias modalidades de festas, as populares têm grande importância no universo cultural brasileiro e podem ser entendidas como:

festas públicas ou privadas, de grande ou pequeno porte, com difusão nacional ou apenas regional, mas que demarcam culturalmente o nosso país, por serem dotadas de um impressionante significado e um sentido permeado de conotação simbólica, mítica e de função coletiva, enriquecendo o cotidiano do povo brasileiro, pois de alguma maneira, têm significado particular relacionado com a história da cidade e com o passado, mais ou menos longínquo, de formação da cultura popular. Independente de suas origens, as festas são verdadeiras encenações a céu aberto que têm como cenário as ruas e praças públicas das cidades. As festas possuem características únicas, por estarem associadas à civilidade, por reviverem lutas, batalhas e conquistas, homenagearem heróis, personalidades e mitos. Podem estar associadas à religiosidade como acontece com as festas litúrgicas ou em louvor aos santos, principalmente em louvor aos santos padroeiros de cada localidade (CAPONERO E LEITE, 2010, p.100)

No Brasil as festas religiosas populares ocupam lugar de destaque no calendário festivo. A hegemonia das religiões cristãs no país não impediu que a elas fossem incorporados elementos vindos de outras crenças, conforme observa Souza (2013):

O rito cristão- elemento central e estruturante da festa- refere-se, portanto, à especificidade da fé em Cristo, e configura o caminho a ser seguido pelo cristão. Mas ele é, também, um rito historicamente construído, que absorve elementos alheios que, não obstante sua especificidade pagã, integra-se à festa cristã, assim como elementos cristãos migram para outras religiões. (SOUZA, 2013, pg.7)

Festa e religião, em princípio, são duas realidades distintas. A primeira está ligada ao lúdico, ao divertimento e à normalidade, enquanto a segunda é recebida como transcendente e marcada por regras, cerimônias e obrigações. Quando festas e religião se articulam, cria-se um território comum, uma interseção que resulta em festas religiosas ou ritos religiosos festivos. Segundo Perez (2002):

Tanto na festa como na cerimônia religiosa, o homem é transportado para fora de si, distrai-se de suas preocupações cotidianas. Em ambas observam-se as mesmas manifestações, como, por exemplo, gritos, cantos, músicas, movimentos violentos, danças, busca de excitantes que aumentam o nível vital (PEREZ, 2002, p.32)

Perez (2009) recorre às ideias de Jean Duvignaud, para ressaltar que a festa não se reduz à funcionalidade, uma vez que possui uma capacidade subversiva, um poder de destruição capaz de criar rupturas, inquietações e transformações sociais. Esse momento permissivo e transgressor se contrapõe à lógica moderna, em que a racionalidade dos indivíduos recusa o desperdício de dinheiro, de energia e de força física próprio às festas.

Neste sentido, o excesso é imprescindível ao êxito festivo, é parte integrante e requisito indispensável às festas. Durante o tempo festivo, é permitido transgredir regras a que rotineiramente as pessoas se submetem. Os festejos são atos coletivos que se realizam em uma dimensão extraordinária, extratemporal e extralógica, eles instauram outra forma de vivenciar o social, marcada pelo lúdico, pela exaltação dos sentidos e das emoções, mesmo no caso de festas religiosas.

Tudo é festa durante o tempo da festa. Mas como a festa é paradoxo, embora refira-se a um objeto sagrado ou sacralizado, tem também a necessidade de comportamentos profanos. É assim que a festa comporta uma multiplicidade de atividades de naturezas diversas, o que distingue de uma simples cerimônia. (PEREZ, 2002, p.23)

Nas festas religiosas os rituais recriam o tempo, o espaço e as relações sociais. Alguns deles, de acordo com Marcel Mauss (1974) são tidos como fenômenos sociais “totais”, momentos extraordinários nos quais exprimem-se e condensam-se diferentes aspectos da vida social, fazendo com que ela se torne presente. Nessas ocasiões

[...] exprimem-se ao mesmo tempo e de uma só vez, toda espécie de instituições: religiosas, jurídicas e morais- estas políticas e famílias ao mesmo tempo, econômicas – supondo formas particulares de produção e de consumo, ou antes, de prestação e de distribuição, sem contar os fenômenos estéticos nos quais desembocam tais fatos e os fenômenos morfológicos que manifestam essas instituições. (MAUSS, 1974, p. 41)

A antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, ao abordar a natureza simbólica das festas, em texto intitulado *As Grandes Festas* (1998), afirma que elas são eventos dinâmicos e podem transpor os limites entre as culturas popular, erudita ou de massa, e as fronteiras entre classes sociais; a “festa é sempre um veículo de expressão de relações humanas, de valores e visões de mundo” (CAVALCANTI, 1998, p. 07).

O Brasil é conhecido como um país festivo. Para Paulo Miguez, “a festa é a melhor tradução do que somos, os brasileiros, como povo, como cultura” (MIGUEZ, 2012, p.205). Os festejos estão presentes em todo o país e “as diferentes regiões e cidades do país depositam nas festas a sua própria história e memória, em permanente elaboração”. (CAVALCANTI, 1998, p.03).

Aqui se encontra um grande número de festas populares relacionadas, em número expressivo, ao calendário religioso e à hegemonia da tradição católica. Essa presença marcante faz desses eventos objetos de estudos das ciências da sociedade e educação, o que foi incrementado, conforme observa Meneses (2009), a partir da iniciativa governamental brasileira de criação da categoria “patrimônio cultural de natureza imaterial”¹, com fins de proteção dos “saberes, formas de expressão, festas e ofícios da tradição popular” por meio de tombamento.

Festas Religiosas de Agosto

Na cidade de Montes Claros, localizada no norte de Minas Gerais, ocorrem anualmente as festas religiosas de agosto que perduram por mais de 170 anos, originalmente vinculadas às tradições católicas, africanas e indígenas, durante o mês de agosto. A região é conhecida pela sua riqueza cultural, decorrente do processo de ocupação diversificada e também de sua localização estratégica. Segundo Dias, “o norte mineiro é um tanto baiano, um tanto mineiro, nem um, nem outro, talvez baiano cansado como denominados pelos mineiros do sul, o que demonstra que a fronteira não é apenas geográfica” (2007, p.35).

As festas religiosas em Montes Claros estão associadas ao catolicismo popular, que tem como marca a autonomia considerável em relação à oficialidade católica. Com grande penetração no meio rural, seus costumes e práticas são de caráter devocional e seus praticantes são, em sua maioria, provenientes dos setores mais pobres e menos escolarizados da população.

Além da população indígena que originalmente habitou o norte de Minas, a região foi povoada mais por negros livres do que por ex-escravos, vindos de comunidades quilombolas (QUERINO, 2006). Na primeira metade do século XIX, recebeu funcionários do Império que, ao se deslocarem para a região, ajudaram a transformar os arraiais em vilas organizadas com poder legislativo e executivo. No final do mesmo século, com a chegada dos religiosos da Ordem francesa Premonstatense e de imigrantes italianos, são introduzidos hábitos europeus,

¹ Decreto 3.551 de 04/08/2000

diversificando ainda mais as referências culturais locais. A mesclagem de diferentes povos no território norte mineiro permitiu a essa região a consolidação de uma sociedade peculiar, com uma “cultura própria e uma identidade singular” (COSTA, 2006, p.24) constituída pela população indígena, pelos quilombolas, pelos europeus e pelos bandeirantes.

Montes Claros é a cidade polo da região Norte. Chamada de sertão mineiro, é frequentemente representada no imaginário social brasileiro como um mundo arcaico, “imóvel” e mítico, onde a tradição impera. Representações como estas, encontram respaldo na obra do escritor mineiro, João Guimarães Rosa, a exemplo da passagem de *Grande Sertão Veredas*, sua obra mais conhecida:

Caminhar de noite, no breu, se jura sabença: o que preza o chão – o pé que adivinha. A gente imagina uns buracões disformes. A gente espera vozes. É. Pouquinhos estrelas dando céu; a noite barrava bruta. Digo ao senhor: a noite é da morte? Nada pega significado, em certas horas. Saiba o que eu mais pensei. No seguinte: como é que curiango canta. Que o curiango canta é: Curí-angú! (ROSA, 1994, p.282)

Esse rico imaginário está em parte relacionado ao fato de que a região norte de Minas Gerais, durante muito tempo, esteve distante dos processos urbano-industriais da modernidade ocidental, da economia de exportação e da lógica mercantil. O isolamento da região se acentuou no final do século XVIII, com a decadência da mineração e o fim do comércio entre o sertão e as minas. Essa posição marginal teria sustentado a manutenção de práticas e conhecimentos tradicionais, de uma cultura singular e de uma identidade sertaneja que se tornaram referências sobre a região.

A chegada da ferrovia a Montes Claros, em 1926, é o prenúncio do fim desse isolamento, impulsionando o desenvolvimento local nos termos capitalistas, incrementando as trocas com outras regiões, estimulando o fluxo migratório e transformando seus modos de vida (QUERINO, 2006). Esse processo teria sido responsável pela desestruturação/reestruturação econômica, política e sociocultural da região em direção à modernidade. Para a religião católica dominante significou a chegada de novas crenças, o aumento da concorrência entre elas e a Igreja que se vê obrigada a se situar nesse contexto.

A cidade de Montes Claros hoje é classificada como de porte médio, o quinto maior município em população no estado de Minas Gerais, estimada pelo IBGE de 398.288 habitantes¹ em 2016. Com o crescimento da cidade e em decorrência das conquistas da modernização econômica, a população montesclarensense tem hoje à sua disposição uma rede de serviços públicos e privados (saúde, comércio e educação), firmando-se como centro urbano e

¹ <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=314330> acessado em 01 de abril de 2017.

pólo de desenvolvimento regional. Conta com a presença da Universidade Estadual de Montes Claros– UNIMONTES, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, do Instituto Federal de Minas Gerais – IFMG, e de treze faculdades particulares.

As Festas de Agosto constituíram-se como parte importante do enredo local, fundamentado numa tradição mesclada de elementos africanos, indígenas, europeus e regionais. Uma manifestação religiosa que respondeu e responde por uma importante parte da história montesclarensense, e que sobreviveu ao longo do tempo como componente religioso e cultural constituinte da própria imagem da cidade.

Os primeiros registros formais de existência das festas constam em ata da Câmara Municipal de Montes Claros, datada de 23 de maio de 1829, “quando Marcelino Alvez pediu licença para tirar esmolas para as festas de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito que pretendia realizar nesta freguesia” (PAULA, 2007, p.611). No documento, não são feitas referências diretas aos festeiros que, no entanto, são lembrados em outros registros. Durante o festejo da coroação de D. Pedro II, em 08 de setembro de 1841, após passeata com a efígie do imperador, foram permitidas várias comemorações por três dias, das quais podiam participar “catopês, cavalhadas ou volantes e quaisquer outros divertimentos que não ofendam a moral pública” (PAULA, 2007, p.611).

No entanto estas comemorações foram oficializadas somente em 14 de agosto de 1884², mediante licença dada pela Igreja Católica para a realização das festas em devoção aos santos. Queiroz (2005) lembra que, como é comum à maioria das culturas de tradição oral, a história das Festas de Agosto apresenta grandes lacunas em virtude da falta de documentação referente à sua origem e constituição.

Queiroz (2005) ressalta que a apresentação dos ternos de congado³ de Montes Claros - MG nem sempre aconteceu em um mesmo período. Durante o século XIX, marujos e caboclinhos realizavam a sua homenagem ao Divino Espírito Santo no mês de maio. Contudo, após determinação do bispado local, houve a junção desta ao terno dos catopês para Nossa Senhora do Rosário, passando a acontecer no mês de agosto. A partir da fundação da Diocese

² De acordo o Jornal Correio do Norte em 24 de agosto de 1884, p.02.

³ São grupos que realizam cortejos em festas de devoção à Nossa Senhora do Rosário, nas quais os cantos, as danças e rituais são empregados para as saudações de santos homenageados, a coroação de Reis Congos e a interação com outros grupos de congado, com a mistura de elementos religiosos católicos e africanos.

de Montes Claros, em 10 de dezembro de 1910, o bispo Dom João Pimenta⁴ reuniu as três festas que aconteciam na cidade em épocas distintas, em um único calendário. A festa do Divino Espírito Santo, realizada no período de Pentecoste, nos meses de junho, e a festa de São Benedito, realizada entre os meses de setembro e outubro, foram unidas à comemoração de Nossa Senhora do Rosário que já acontecia no mês de agosto. Por esse motivo, os festeiros de Nossa Senhora do Rosário são considerados os donos da comemoração, que ainda é referida por muitos como a “festa dos catopês”.

Vê-se que, desde o início, a Igreja Católica procurou controlar a realização do evento que, apesar disso, alcançou grande popularidade. Mas há indicativos de que parte dos católicos ainda enxergue as manifestações ligadas às culturas negra e indígena de modo etnocêntrico, conforme se pode observar em uma tradicional publicação católica⁵:

Há mais de um século, nos dias 17 a 21 de agosto são realizadas em Montes Claros (MG), festas religiosas em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e ao Divino Espírito Santo. Além das *celebrações genuinamente religiosas* [destaque meu], como missas, bênçãos e levantamento de mastros, *realizam-se ainda* [destaque meu] as "Marujadas", "Cabocladas" e "Catopês".

A grande popularidade alcançada pelas festas preocupou a igreja, em nome do zelo pelas diretrizes romanas quantos aos possíveis desvirtuamentos doutrinários presentes nas festas. Por isso, em 1930, ela deixa de participar das comemorações, levando junto boa parte dos partícipes propensos a acatar as orientações eclesiásticas oficiais. Porém, a imprensa regional, em 1936, por meio do jornal montesclarenses *Gazeta do Norte*, pediu aos padres que não deixassem as Festas de Agosto. Pressionada pelas críticas de parte da população da cidade e da imprensa, nos anos subsequentes a Igreja retomou a direção dos festejos. Esse episódio é revelador da emergência de um novo contexto sociocultural plural, no qual a igreja participa junto com outras esferas culturais autonomizadas influentes no espaço público, e diante das quais tem que ceder. Mostra ainda que os festejos e celebrações dos negros, nem sempre acolhidos pela Igreja Católica e pelos poderes locais, conquistaram paulatinamente espaço nas festas, permitindo a prática sincrética de seus respectivos costumes e crenças.

⁴ Primeiro bispo de Montes Claros - MG. <http://www.arquimoc.com/home/detalhecategoria/13>, acessado em 01 de abril de 2017

⁵Revista Catolicismo - <http://catolicismo.com.br/materia/materia.cfm?IDmat=9EE64974-3048-313C2EF22C4C79D5442A&mes=Outubro1994>. Acesso em 24/04/2017.

Em seus quase cento e oitenta anos, as Festas de Agosto tornaram-se parte da própria imagem de Montes Claros. Elas ocorrem em cinco dias em honra à Nossa Senhora do Rosário, a São Benedito e ao Divino Espírito. As práticas festivas atualmente são organizadas por um padre da Igreja Católica e um representante de cada um dos grupos populares que protagonizam os rituais. Nessas comemorações, as ruas são tomadas pelas presenças expressivas de moradores e turistas que prestigiam a performance dos grupos de Congado em Montes Claros que são representados pelos catopês, marujos e caboclinhos.

Os grupos de congado são os protagonistas das festas e cada um desempenha um ritual específico. De acordo com Queiroz (2005, p. 30-49), os catopês são grupos que preservam de forma mais sólida as influências do Congado nas apresentações. Porém, usam elementos que representam a tradição africana adicionada a referências luso-espanholas cristãs, com vestimentas brancas, capacetes adornados com longas fitas coloridas, penas de pavão, miçangas e espelhos, imagens de santos, terços envoltos nos braços ou nas mãos e saem pelas ruas cantando e rezando à Nossa Senhora do Rosário ao ritmo de tambores, batuques e rabecas.

Os marujos realizam a encenação dramatizam a epopéia marítima portuguesa, com participantes vestindo roupas de cetim na cor azul, referenciando os cristãos, e outros na cor vermelha, representando os mouros. Nas ruas da cidade, em formato de duas filas, cantam músicas suaves e tocam violão e viola, remetendo às ações dos marinheiros portugueses e ao catolicismo. Dançam e evocam as lutas portuguesas nos movimentos das cruzadas, comemorando a vitória dos cristãos. Fazem orações cantadas pedindo proteção divina, purificação dos pecados da cidade, intercessão dos santos das festas e agradecendo pelas graças recebidas.

Já os caboclinhos simbolizam o índio brasileiro em trajes que reproduzem as suas vestimentas, saiotes vermelhos enfeitados com plumas, capacete adornados com penas, e carregam arcos e flechas. Nesse grupo há uma grande incidência de mulheres, além de crianças, fato que o diferencia dos outros grupos que somente mais recentemente contam com a presença feminina. Os caboclinhos atualmente são liderados por uma mulher, que recebe o título de “Cacicona”.

Eles dançam e cantam músicas com letras referentes à catequização dos índios pelos padres jesuítas no período da colonização do Brasil. As suas preces são direcionadas aos três santos devocionais da festa pedindo perdão pela destruição da natureza e proteção aos animais e a todo ecossistema brasileiro.

Para que a solenidade aconteça, de fato, em agosto, os ensaios são iniciados no mês de maio, juntamente com visitas acompanhadas por música e oração, às casas dos mordomos, que são escolhidos no ano anterior para guardar as bandeiras dos respectivos santos da festa. Durante esses cinco dias de acontecimentos, costumes e crenças, músicas, orações, saudações, danças criam uma riqueza simbólica derivada da presença dos três grupos e seu papel ritual.

Os grupos populares mencionados caminham pelas ruas da cidade juntos, obedecendo a ordem crescente do cortejo: catopês, marujos e caboclinhos. Evocam com os seus cantos e orações que a festa religiosa de agosto é momento de agradecer aos santos pelo ano que passou e pedir graças para o ano seguinte. No desenrolar dos ritos é forte a presença musical e de instrumentos diversos, como tambor, tamborim, cavaco, pandeiro, violão, viola, caixa e rabeca. Um padre, conhecido como padre catopê, acompanha os rituais da festa. Ele assumiu a organização das festas há aproximadamente 50 anos, a pedido do bispo da época, Dom José Alves Trindade, responsável pela escolha de um padre para coordenar os festejos. A escolha deu-se em função de que, além de ser jovem, o padre tinha afinidades com as comemorações.⁹

O levantamento de mastro é o ponto alto da festa, representando a ligação completa dos grupos de um só reinado sagrado. Daí a preocupação com seu deslocamento, que pode interferir, além da estrutura física dos rituais, em sua estrutura simbólica. Para minimizar os riscos da alteração, nos três dias seguintes a Igrejinha do Rosário permanece como “centro do mundo” (COLARES, 2006, p.44).

Nos dias de festas, há a participação de pessoas de Montes Claros e de outras localidades, católicos ou não, oriundos diferentes religiões e classes sociais. Em geral, acompanham as procissões, os levantamentos dos mastros, as celebrações das missas com devoção e emoção. Algumas realizam atos de pagamento de promessas, caminhando descalços nas procissões, vestindo roupas que remetem às mesmas usadas pelos grupos populares, além de vestirem também bebês e crianças. As ruas centrais da cidade são enfeitadas com fitas coloridas e imagens dos santos das festas e várias lojas ornamentam seus espaços para que, quando a procissão passar, a conexão com o sagrado seja estabelecida.

Enquanto ações religiosas tradicionais são realizadas, tendo como ponto alto o momento de erguer as bandeiras de cada santo, representado por uma simbologia da comunicação entre santos devocionais, os grupos e a população participante têm a seu dispor apresentações

⁹ Informações obtidas em entrevista com o padre João Batista Lopes, no dia 10 de agosto de 2015, na cidade de Montes Claros.

artísticas e shows não relacionados à religião, barracas com o comércio de comidas e bebidas, artesanatos, bijuterias, roupas. A festa é permeada de sincretismo religioso e do hibridismo cultural, seus rituais perduram entre as gerações misturando tradição e modernidade.

Festas de Agosto e o jovem Catopê: elementos identitários

Os catopês são formados por um grupo denominado de terno que fazem parte do congado norte mineiro e protagonizam junto com outros grupos populares as festas de agosto, em sua maioria homens negros adultos, jovens e crianças. Usam roupas brancas, calça e camisa com manga comprida. Na cabeça, um capacete enfeitado com espelhos, aljôfares, miçangas, no topo, penas de pavão e fitas coloridas a larguras variadas, que descem até o chão.

Importa ressaltar que a juventude é uma fase importante em que as experiências vivenciadas e a facilidade para a apreensão de conhecimentos são características indispensáveis para a construção identitária. O termo juventude é um conceito amplo e pode ser definido sob diversos aspectos. Neste caso, é importante pensar em juventudes plurais, considerar os recortes socioculturais e históricos que determinam e influenciam a delimitação desta fase da vida. Para Tosta (2005),

[...] em termos legais e de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, ser jovem é estar na faixa etária entre 12 e 18 anos. Entretanto, estudos na Europa e no Brasil deslocando o foco da linha jurídica preferem trabalhar com uma faixa bastante mais alargada, que chega aos 30 anos ou mais, baseando-se em pesquisas que buscam a percepção dos sujeitos e consideram o contexto em que vivem. Nesta perspectiva, o ser adolescente se apresenta muito mais como um sentimento de pertença e de experiência, de “estado de espírito” do que propriamente corresponde a um dado cronológico. (p. 3).

Todavia, é necessário compreender a existência da juventude, como Abramo (2008) enfatiza que se faz necessário falar “de juventudes, no plural, e não de juventudes, no singular, para não esquecer as diferenças e desigualdades que atravessam esta condição.” (p. 43-44) Observar que dificuldades parecidas implicam-se em consequências divergentes na vida dos jovens, pois este segmento social é por si só heterogêneo e dinâmico.

Evidentemente, os jovens se encontram em posições diferentes no campo social. Mas a pluralidade da juventude não corresponde a pluralidade do Brasil. Malgrado suas diferentes posições no campo social, os jovens brasileiros participam da reprodução social e cultural, mediante várias estratégias, para assegurar ou melhorar sua posição social.(SINGLY,2003,p.239)

Como categoria social, a juventude, propicia uma análise especial, pois nela se reflete de maneira particular as características gerais de outras idades, tornando-se possível ao jovem sua acumulação e internalização. Esta fase que, mais do que transição, apresenta diferentes abordagens e tratamentos, tendo em vista que a juventude dá margem para múltiplas análises e interpretações.

Nesse debate, convém refletir que esse estágio da vida acontece inevitavelmente com todos os indivíduos, independente de classe social, cultura, gênero ou etnia. Já as práticas educativas não são apenas produto do imaginário propiciado pela festa, mas são constituintes, intrínsecos aos mesmos. Para Paula Carvalho (1990) “todas as práticas sociais são sempre simbólicas, uma vez que são manifestações de um universo imaginário numa práxis, por intermédio de um sistema sociocultural e de suas instituições.” (P.27) Estas se refletem substancialmente na formação da juventude.

Deste modo, neste texto partiu-se do pressuposto de que as construções de práticas simbólicas e educativas herdadas pelas tradicionais Festas de Agosto influenciam na vida do jovem catopê. Compondo um tema que integra a educação e a cultura, visto que esta relação é fundamental nas sociedades humanas. Como explica Brandão (2002)

A educação é – como tudo o mais que é humano e é criação de seres humanos – uma dimensão, uma esfera interativa e interligada a outras, um elo, uma trama (no bom sentido da palavra) na teia de símbolos e saberes, de sentidos e significados, como também de códigos, de instituições que configuram uma cultura, uma pluralidade interconectada (não raro, entre acordos e conflitos) de culturas e entre culturas, situadas em uma ou entre várias sociedades. (p. 12).

Considerando-se a grande participação popular nos festejos, este trabalho indicou elementos relativos à dimensão da influência e expressão simbólica e educativa que exercem sobre seu público. A tradição hoje, na cidade moderna, se coloca em meio a sistemas de signos variados. A dinâmica urbana facilita que a memória interaja com a mudança, que seja revitalizada ao dialogar com as contradições presentes. Seu sentido se constrói também em conexão com as práticas sociais.

Nota-se que as sociedades contemporâneas são heterogêneas, plurais, formadas por diferentes grupos e interesses divergentes, isto é, apresentam identidades culturais tensionadas e em conflitos. Dessa forma, cabe ressaltar que essas diferenças estão em permanente contato. “As ideias multiculturalistas discutem como podemos entender e até resolver os problemas

gerados pela heterogeneidade cultural, política, religiosa, étnica, racial, comportamental, econômica, já que temos que conviver de alguma maneira” (SEEHABER E MACHADO, 2007, p.86). Neste contexto, num mundo marcado por um complexo de mudanças e por um processo constante de fragmentações, as identidades acabam sendo abaladas, dando início a procedimento de descaracterização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção histórica da identidade do povo brasileiro é plural, visto que articuladas a diversidade de culturas. O pluralismo é marcado pela relação com o outro, sendo a primeira relação consigo mesmo, a segunda com o outro, e a terceira com o mundo. Nesse ambiente, a diversidade ensina que reconhecer a diferença é aceitar e acolher a ideia de que existem grupos que são diferentes entre si, mas os direitos entre si são correlatos.

Dessa maneira, este estudo propiciou a descrição das festas de agosto e como os jovens, especificamente os catopês participam dela, ainda que num pequeno intervalo do ano, sua influência na identidade destes sujeitos.

Não obstante, as observações aqui registradas constituem apenas um primeiro esforço de sistematização entre as festas religiosas como práticas educativas, que será aprofundada na pesquisa em curso.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo**. In: Abramo, H. W.; BRANCO, P. P. M. (orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto de Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação Como Cultura**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

CAPONERO, C. M.; LEITE, E. Inter-relações entre festas populares, políticas públicas, patrimônio imaterial e turismo. **Revista Eletrônica Patrimônio: Lazer & Turismo**, Santos, v. 7, n. 10, abr./maio/jun. 2010, p. 99-113

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **As grandes festas: Superproduções Populares**. In: Um olhar sobre a cultura brasileira. Rio de Janeiro, FUNARTE/Ministério da Cultura, 1998.

CARRANO, P. C. R. **Jovens na Cidade**. Trabalho e Sociedade, Rio de Janeiro, ano 1, nº 1, ago, 2001.

CORTÊS Gustavo P. **Dança, Brasil! Festas e danças populares**. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

COSTA, João Batista de Almeida. Cultura, natureza e populações tradicionais: o Norte de Minas como síntese da nação brasileira. In: **Revista Verde Grande**. Montes Claros: Unimontes.v1.n.3.dez/fev,2006

DIAS, Jânio Marques. Festas de Agosto: A recuperação da história cultural de Montes Claros.**Revista Negritude**, Montes Claros-ano II, nº8, agosto de 2007.

FEATHERSTONE, M. A globalização da complexidade. **RBCS**, São Paulo, n.32, v.11, out.1996, pg 105-124. Disponível em

http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_32/rbcs32_07.htm

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp,1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**, 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MALVEIRA, Ricardo Ribeiro. Os Catopês de São Benedito em Montes Claros: rastros de uma ancestralidade mineira negra e festiva. **Dissertação de Mestrado**.Universidade Federal da Bahia,2011.

MARTINS, Saul. **Congado: Família de sete irmãos**. Belo Horizonte, SESC, 1988.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas, Sociologia e Antropologia, v.II, São Paulo, 1974.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas**. In I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009 /Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; coordenação: Weber Sutti. Brasília,DF: Iphan, 2012, 404 p. (Anais; v. 2, t. 1), p.25-39.

MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998.

MIGUEZ, Paulo. **A festa – Inflexões e Desafios contemporâneos**. In: RUBIM, Lindinalva; MIRANDA, Nadja (Org.). **Estudos da Festa**. Salvador: EDUFBA, 2012, v.1, p.205-216.

MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998.

PAULA CARVALHO, J.C. de. **Antropologia das organizações e educação**: um ensaio holonômico. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

PAULA, Hermes Augusto de. **Montes Claros sua História sua gente seus costumes-parte III**. Montes Claros: Editora Unimontes, 2007.

PEREZ, Léa Freitas. **Festa, religião e cidade**: corpo e alma do Brasil. Porto Alegre: Medianiz, 2011.

QUEIROZ, L.R.S. Performance Musical nos ternos de Catopês de Montes Claros. **Tese de Doutorado**. Universidade Federal da Bahia Escola de Música. Salvador, 2005.

QUERINO, Augusto José. Montes Claros e o Norte de Minas na Rede Urbana do Centro-Sul: Fábulas e Metáforas do Desenvolvimento. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Estadual de Montes Claros, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social, 2006

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SEEHABER, Liliana; MACHADO, Leo Marcelo. Cultura cidadania e Ensino Religioso. **Revista Religião e Cultura**. São Paulo: n.11 p. 83-96, Jan/Jun, 2007.

SINGLY, F. **Les uns avec les autres**: quand l'individualisme crée es du lien. Paris: Armand Colin, 2003.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres**: aspectos do catolicismo popular. Natal: IFRN, 2013.

TOSTA, Sandra de Fátima Pereira. **Antropologia e educação- culturas e identidades na escola**. Magis. Revista Internacional de Investigación em Educacion, Colômbia: Bogotá: Pontifícia Universidade Javeriana, vol.3, n. 6, p. 413-431, 2011.

TOSTA, Sandra de Fátima Pereira. **Sociabilidades contemporâneas**: jovens em escolas. In: PEIXOTO, Ana Maria Casasanta; PASSOS, Mauro. (Org.). A escola e seus atores: educação e profissão docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 183-197

Artigo recebido em: 29/03/2017
Artigo Aceito em: 02/07/2017